

Viana não abre mão de disputar a presidência

O senador Luís Viana Filho (BA) é candidato inarredável a presidente do Senado pelo PDS, e considera seu direito manter aquele cargo, segundo comunicou formalmente aos senadores Pedro Simon (PMDB-RS) e Carlos Chiarelli (PFL-RS), às 16 horas de ontem, no gabinete do primeiro, o líder governista no Senado, Aloysio Chaves (PA), depois de uma reunião (às 14h30min) com o presidente do partido, senador Amaral Peixoto (RJ), e o próprio Luís Viana Filho.

Após a comunicação, Chaves declarou à imprensa que seu partido continua defendendo a tese de uma composição para a formação de uma Mesa pluripartidária, como é da tradição do Senado, mas sem abrir mão,

em hipótese alguma, da presidência, uma vez que ainda se considera o partido majoritário — e, portanto, com o direito de preencher o cargo — e não reconhece a Aliança Democrática (PMDB e Frente Liberal) como um bloco.

O DIREITO

Aloysio Chaves disse aos senadores Pedro Simon, coordenador do PMDB, e Carlos Chiarelli, líder da Frente Liberal, que o PDS não abre mão do direito de indicar o candidato a presidente do Senado, considerando-se ainda majoritário na Casa e invocando o exemplo da Câmara, onde a presidência foi entregue ao PMDB (Ulysses Guimarães) por ser agora o maior partido da Casa.

Em segundo lugar, defendeu o critério da “an-

terioridade”, lembrando que o senador Luís Viana Filho lançou-se candidato a presidente do Senado ao final da sessão legislativa do ano passado, contando, para isso, com o apoio da maioria esmagadora da bancada de seu partido. Argumentou que o PDS lançou a candidatura do senador baiano consciente de que lhe caberia, por direito, indicar o candidato a presidente do Senado, segundo uma tradição que não foi quebrada nos últimos anos.

Por fim, Aloysio Chaves lembrou que a sua bancada havia escolhido um candidato a presidente do Senado que não poderia provocar nenhum tipo de restrição, seja da parte do futuro Presidente da República ou de seus correligionários no Congresso, uma vez que

se tratava de um político reconhecidamente equilibrado.

Garantiu que, uma vez eleito presidente do Senado, o Senador baiano procuraria se situar numa linha de colaboração com o novo Governo em tudo que dissesse respeito ao interesse nacional e, em particular, à complementação do projeto de restauração da plenitude democrática, com o qual havia se comprometido o PDS, desde o início da abertura.

Os senadores Pedro Simon e Carlos Chiarelli consideraram legítima a posição do PDS, reiteraram que o PMDB e a Frente Liberal não levantam qualquer restrição ao nome do senador Luís Viana Filho, mas acentuaram que a Aliança Democrática, formada pe-

las duas correntes, sentia-se no dever de conquistar a presidência do Senado para um candidato que venha a surgir de seus quadros.

Mais tarde, o senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, tomou a iniciativa de reiterar o apoio da cúpula partidária à comunicação feita pelo líder Aloysio Chaves a Simon e Chiarelli.

O senador Aloysio Chaves, de sua parte, recusou-se a quantificar o número de senadores do PDS, uma vez depurado o partido das defecções de senadores para a Frente Liberal e o PMDB.

— Isso é segredo — avisou Chaves.

A bancada do PDS ficou reduzida a 30 senadores, depois dessas defecções em suas hostes.